

lela, localmente deformada por *slumps*. Esta associação representa importante elevação do nível do mar registrada em depósitos de face litorânea de costa-afora afetados por tempestades.

Estas fácies marinhas são recobertas por depósitos estratocrescentes de leques aluviais caracterizados por arenitos médios micáceos, com grãos de areia grossa, grânulos e seixos esparsos, localmente com intercalações de camadas pelíticas com gretas de contração, que passam a uma sucessão decamétrica de arenitos conglomeráticos a conglomerados pouco organizados a

desorganizados com seixos e calhaus angulosos.

Desta forma, a Formação Barriga Negra é formada por fácies de leques aluviais que são afogados por mar raso afetado por tempestades representando um evento transgressivo; sendo novamente exposta com a instalação de leques aluviais estratocrescentes. Tal sucessão caracteriza a Formação Santa Bárbara em boa parte das ocorrências do Brasil, permitindo assim espelhar sobre uma possível correlação entre as duas unidades com base em critérios litofaciológicos e paleoambientais.

FLUORAPATITA E APATITA EM ARENITOS DA FM. RIO PARANÁ (GR. CAIUÁ, BACIA BAURU) E HIDROTERMALISMO NEOCRETÁCEO

1300058

L. A. Fernandes¹; M. Brandt Neto² & J.M.V. Coutinho³

¹UFPR/Degeol, Curitiba; ²UNESP/Ibilce, S. José do Rio Preto, ³USP/DGM, São Paulo.

Carbonato-fluorapatita e apatita foram identificadas em amostras de testemunhos de sondagens provenientes da região do Pontal do Paranapanema (SP). Ocorrem na forma de cimento, em arenitos da Fm. Rio Paraná (Gr. Caiuá), unidade neocretácea de origem eólica. No noroeste do Paraná e extremo oeste de São Paulo, em áreas de exposição dos grupos Caiuá e Bauru, há diversas ocorrências de arenitos silicificados. A silicificação tem caráter

localizado e não é vinculada a unidades, intervalos estratigráficos ou níveis pedogenéticos. As ocorrências mais expressivas estão alinhadas segundo NE (direção regional de zonas de falhamento), concentrando-se no seu cruzamento com grandes lineamentos NW associados ao Arco de Ponta Grossa.

Em campo verificam-se outras feições de contemporaneidade de atividades tectônicas com a silicificação, como faixas de textura brechóide, espessura decimétrica, silicificadas como o

arenito adjacente (e.g. morro dos Três Irmãos, PR). No substrato da bacia, na mesma região de confluência de lineamentos NE e NW, na U.H.E. de Porto Primavera (Pontal do Paranapanema, SP/MS), foram descritas rochas denominadas de *basaltos pouco densos*. Ocorrem em bolsões localizados e são compostas quase totalmente por palygorskita (70-95% da rocha).

A identificação de fluorapatita e apatita em arenitos da Fm. Rio Paraná vem confirmar a natureza hidrotermal do processo de silicificação, ocorrida no final da sedimentação na Bacia Bauru, na sua parte interior, em áreas de cruzamento de zonas de falhamentos regionais. Provavelmente relaciona-se ao magmatismo alcalino neocretáceo registrado nas bordas da bacia, como a ocorrência de rochas efusivas de caráter alcalino (Analcímitos Taiúva) intercaladas na parte superior da Fm. Vale do Rio do Peixe, no noroeste de São Paulo.

ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DO GRUPO BAURU (KS) NA DEPRESSÃO DE UBERABA (MG)

Vicente José Fulfaro^{1,2}, Alessandro Batezelli¹, Antonio Roberto Saad^{1,2}, J. Alexandre J. Perinotto^{1,2} * Apoio CNPq

1 - Departamento de Geologia Aplicada - IGCE - Universidade Estadual Paulista (Rio Claro - SP). 2 - Universidade Guarulhos - UnG (Guarulhos - SP).

Processos FAPESP: 99/00324-1 e 99/00323-5

O Grupo Bauru (Ks), unidade supra-basáltica da Bacia do Paraná, especificamente nos arredores da cidade de Uberaba (Depressão de Uberaba, segundo HASUI, 1967), Triângulo Mineiro, tem sido alvo de inúmeras pesquisas nas últimas décadas, tanto do ponto de vista econômico (exploração de diamantes e calcário), como do ponto de vista acadêmico (estudos estratigráficos e paleontológicos). O avanço nos estudos dessa região foi significativo, uma vez que a riqueza de jazigos fossilíferos vem despertando interesse de muitos pesquisadores desde a década de 50. No entanto, questões tais como: relação de contato entre as unidades litoestratigráficas, contemporaneidade das formações, arranjo tridimensional e arquitetura deposicional, permanecem em aberto. A partir de dados recentes e inéditos de superfície e subsuperfície foi desenvolvida uma análise estratigráfica regional para as unidades que compõem o Grupo Bauru (formações Uberaba e Marília) na Depressão de Uberaba, estendendo-se sua correlação às áreas adjacentes. Por meio de seções e mapas estratigráficos e estruturais, foi possível um melhor entendimento da Depressão de Uberaba, bem como compreender que sua atual configuração está principalmente relacionada à tectônica terciária. Nessa depressão, foi identificado um pacote lamítico basal na Formação Uberaba, provavelmente relacionado a um nível de base local de características de um baixo e/ou lacuste. Os dados revelaram também a interdigitação dos arenitos da Formação Uberaba com os depósitos lamíticos arenosos da Formação Adamantina na região de Veríssimo e Concepção das Alagoas (MG), a oeste de uma importante feição

estrutural denominada Sutura de Itumbiara. Com relação ao contato entre as formações Uberaba e Marília, foi identificada uma superfície abrupta e erosiva em afloramentos próximos à Pedreira Caieira, em Peirópolis (MG) e na rodovia Uberaba-Nova Ponte, próximo à localidade de Santa Rosa. Essa superfície foi entalhada em arenitos finos a médios, lenticulares, esverdeados, com estratificações cruzadas acanaladas de pequeno porte (Formação Uberaba), e é marcada por depósitos conglomeráticos com forma de canais, ricos em estratificações cruzadas acanaladas de pequeno a médio porte (Membro Serra da Galga). Tanto os dados de superfície como os de subsuperfície mostram que os depósitos calcários do Membro Ponte Alta são lenticulares e formam corpos isolados, o que levou à hipótese da origem a partir de lagos associados ao sistema de leques aluviais ou calcretização seletiva a partir de águas subterrâneas. A partir dessas informações admite-se que a sedimentação cretácea na Depressão de Uberaba tenha ocorrido em dois ciclos: ciclo Uberaba e ciclo Marília. O primeiro teve início com lamitos e arenitos muito finos argilosos, sendo selado por colmatação pelos depósitos arenosos advindos do avanço de um sistema fluvial entrelaçado. O segundo ciclo foi caracterizado pelo avanço progressivo do sistema de leques aluviais, com retrabalhamento por rios associados. As intensas movimentações tectônicas cenozóicas foram responsáveis pela individualização desses depósitos, gerando distintas depressões no Triângulo Mineiro, entre estas a Depressão de Uberaba, onde ficaram preservadas as rochas do Grupo Bauru.